

**Folha de S. Paulo**

**13/10/1993**

### **Estudo aponta bóia-fria do ano 2000**

*Pesquisa mostra que em 5 anos mecanização traz 'super trabalhador' e desemprego em massa*

Guilherme Busch

Free-lance para a Folha

Uma pesquisa feita na UFSCar (Universidade Federal de São Carlos, sobre a mecanização da lavoura de cana-de-açúcar aponta o surgimento de um trabalhador rural polivalente na região de Ribeirão Preto. Pela pesquisa, a mecanização — substituição de trabalhadores por máquinas — vai desempregar mais de 50% dos cortadores de cana da região no prazo de 5 anos a 10 anos e os bóias-frias vão ter que se desdobrar para desempenhar diferentes funções nas usinas.

A pesquisa foi feita pela economista boliviana Kathy Vaca Díez de Cortéz, 23, e valeu o título de mestre em engenharia de produção à autora. Foram pesquisadas seis grandes usinas — São Martinho, Santa Lydia, São Francisco, Santo Antônio, Santa Elisa e Usina da Pedra — da região durante 18 meses. Segundo Kathy, a mecanização das usinas hoje atinge 30% do total na região de Ribeirão.

Os novos trabalhadores polivalentes vão ser caracterizados pela diversidade nas funções desempenhadas nas usinas. Eles deixam de ser especializados em apenas uma das etapas da produção do álcool e do açúcar para realizarem um sistema de rodízio nas funções. "Com isso, haverá mais rigor na seleção e será eliminada a figura do 'gato', que intermedia a contratação desses trabalhadores", diz a pesquisadora.

Para ela, a mecanização vai trazer economia de 30% às usinas, mas vai criar um problema econômico de grande proporção para a região. "A indústria e o setor de serviços das cidades não vão absorver essa mão-de-obra. Os bóias-frias devem ficar desempregados", disse. Trabalhadores rurais ouvidos pela Folha afirmam estar com "medo" da mecanização (leia texto nesta página).

Além da economia, diz Kathy, as usinas vão poder controlar os problemas que têm com greves e com negociação salarial com os trabalhadores. "A mecanização vai brecar reivindicações dos trabalhadores e aumentar o poder de barganha das usinas na negociação salarial. Uma máquina não faz greve nem reclama salário", afirma.

Outra consequência da mecanização apontada por Kathy é a desvalorização do salário da categoria. "Vai aumentar muito a mão-de-obra disponível. Com isso, o salário deve diminuir também a partir dessas mudanças", disse. Segundo ela, com a mecanização, aos bóias-frias vai restar o trabalho em locais desnivelados, onde as máquinas não conseguem chegar.

### **Sindicato**

Para o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais da Região de Ribeirão Preto, Sílvia Donizette Palvequeres, os problemas sociais causados com um aumento na mecanização podem ser "desastrosos" em cidades como Barrinha e Guariba. "Cidades maiores e mais desenvolvidas, como Ribeirão, ainda podem se adaptar e absorver esse pessoal, mas cidades que dependem desses empregos vão ser muito prejudicadas", afirma.

Segundo Palvequeres, a região possui 200 mil bóias-frias (40 mil, segundo as usinas) e a representatividade sindical será reduzida com a presença maciça das máquinas. "Vão diminuir os empregados, diminui o salário e a força do sindicato", declara.

***(Folha Nordeste — Página 1)***